



Cadernos da Controladoria

Nova série Ano I, nº 2 - junho de 2001

Orçamento Participativo: a experiência pioneira do município de Boa Esperança (ES)

Apresentação

Com 14.334 habitantes, o município de Boa Esperança, localizado na região norte do Espírito Santo, a 300 quilômetros de Vitória, vive uma revolução. Não com armas, mas com idéias. Idéias e resultados, que não são poucos. Lá, onde a comunidade é o poder, Amaro Covre, de linguajar simples e direto, ainda como prefeito na década de 70, criou o orçamento participativo, adotado anos depois por algumas prefeituras brasileiras.

Qual não foi minha surpresa quando soube que Amaro Covre, que hoje preside a Associação dos Prefeitos da Região Norte do Estado do Espírito Santo, formada por 28 municípios, elegeu-se novamente prefeito de Boa Esperança para o período de 2001 a 2004.

Daí surgiu o convite para que falasse sobre seus projetos e realizações naquele município, onde implantou o trabalho comunitário como única saída para tirá-lo do estado deplorável em que se encontrava. Amaro Covre escreveu o livro *A comunidade no poder*, no qual relata sua experiência, considerada pioneira no Brasil. Esse é o tema da palestra do prefeito de Boa Esperança transcrita neste segundo volume da nova série dos Cadernos da Controladoria.

Lino Martins da Silva

Controlador Geral do Município

Orçamento Participativo: a experiência pioneira do município de Boa Esperança (ES)

Amaro Covre

Rio de Janeiro, 4 de junho de 2001

Com a erradicação dos cafezais e a saída das serrarias, a economia de Boa Esperança ficou reduzida a 18 mil cabeças de gado e a quatro estabelecimentos comerciais. As pequenas propriedades rurais estavam desaparecendo, os grandes proprietários rurais ateavam fogo nas pastagens e matas para poder monopolizar. Boa Esperança, naquela época, chegou a ter 320 propriedades. Saíam do município cerca de dez caminhões pau-de-arara por mês em direção a Mato Grosso, Goiás, Pará e outras regiões do país, levando famílias inteiras em busca de melhores condições de vida. O Tribunal de Contas do Estado, na

época, aconselhou a extinção do município por falta de viabilidade econômica.

SITUAÇÃO DO MUNICÍPIO NA ÉPOCA 1977 - 1982

Erradicação dos cafezais e saída das serrarias;

A economia do Município ficou reduzida a 18.000 cabeças de gado e quatro comércios;

As pequenas e médias propriedades rurais estavam desaparecendo;

Saiam do Município, em média, dez caminhões paus de arara por mês, conduzindo as famílias para os Estados do Pará, Goiás...

O Tribunal de Contas do Estado aconselhou a extinção do município por falta de viabilidade econômica.

Vou mostrar o que foi feito para preservar Boa Esperança e livrar o município de uma crise.

Faço sempre duas perguntas: por que os sem-terra têm conseguido grandes conquistas? Porque são unidos e organizados. E porque nós não temos conseguido nada? Porque somos desunidos e desorganizados! A primeira coisa que fizemos em Boa Esperança foi nos unirmos e nos organizarmos. Criamos um Centro de Irradiação em cada raio de cinco quilômetros. Em cada comunidade foi construída uma escola e eleito um líder formador de opinião. Formamos o Conselho Comunitário de Desenvolvimento do Município de Boa Esperança – 32 comunidades congregadas a cinco Centros de Irradiação, o que dá uma média de 250 líderes formadores de opinião em cada comunidade. Fizemos a eleição da liderança e formamos o Conselho Comunitário de Desenvolvimento. Cada líder recebeu uma carteira de identificação que lhe dava acesso direto aos secretários, aos agentes financeiros e às autoridades constituídas.

O QUE FIZEMOS PARA O MUNICÍPIO CONTINUAR EXISTINDO E SUPERAR A CRISE 1977 - 1982

Nós nos unimos e nos organizamos;

Divisão geográfica em novo mapa;

Em cada raio de 5 em 5 Km – Centro de Irradiação;

Em cada raio de 3 em 3 Km – Comunidade;

Eleições dos líderes nas comunidades e nos centros;

Formação do Conselho Comunitário de Desenvolvimento;

Cada líder recebe uma carteira de identificação.

Qual o trabalho dessa liderança? A primeira coisa foi fazer um diagnóstico sócioeconômico de cada comunidade, envolvendo-a no planejamento. Muitas vezes me perguntam porque um trabalho que leva dez anos para ser feito eu faço em um. É porque envolvi todos os segmentos da sociedade em torno de um conjunto de interesses. Cada segmento tem um tipo de interesse, o que ajuda a diagnosticar e a planejar. Na hora de executar, vai ficar muito mais fácil implantar o trabalho. Feito o diagnóstico nessas comunidades, seus líderes reúnem-se nos respectivos Centros de Irradiação e fazem, através de uma mesa redonda, uma espécie planejamento estratégico. Aí nos reunimos com Secretários e elaboramos um plano de trabalho para a região, de acordo com a sua realidade. Assim ocorreu em todos os Centros de Irradiação. As questões eram resolvidas levando-se em conta as necessidades e prioridades de cada comunidade, já que existem problemas de curto, médio e longo prazos. Com o planejamento de cada Centro de Irradiação, elaboramos na época um plano de trabalho hoje denominado Plano de Desenvolvimento Sustentável do Município de Boa Esperança.

OBJETIVOS DO CONSELHO: 1977 - 1982

Diagnóstico nas comunidades e centros;

Mesa redonda nos centros;

Conjunto de interesses;

Por ordem de necessidade e prioridade;

Com o planejamento de cada centro, elaboramos o plano de trabalho e o orçamento participativo.

O Conselho da Comunidade se reunia a cada seis meses. A secretária do Conselho era a professora, que ganhava 15 horas extra-classe para desenvolver o trabalho com a sua comunidade, transformando-a num ponto atrativo. Desenvolvia atividades, fazendo da escola um ambiente dinâmico, com eventos periódicos.

Assim, quem se casa com uma professora de Boa Esperança é chamado de “marido da professora”. A diretora da escola é também diretora das escolas à distância. Tem, também, um técnico que distribui mudas e hortaliças para as comunidades, dando condições às famílias de manterem a merenda escolar. A cada seis meses o Prefeito visita cada uma dessas comunidades, avaliando o que foi feito, o que não foi feito e porque não foi feito.

De quatro em quatro meses é realizada uma reunião nesse centro, com a presença das lideranças comunitárias, além da avaliação dos trabalhos realizados. De 30 em 30 dias, todas as lideranças do meio rural se reúnem. Atualmente, essa liderança é composta pelos líderes de associações de bairro e de produtores rurais. O que faz esse Conselho? Ele toma as macro decisões do município. O prefeito não é o dono da verdade; trocamos idéias e experiências. As macro decisões são tomadas pelo Conselho. O Prefeito apenas executa as decisões. A cada mês trazemos um Secretário de Estado, um agente financeiro ou alguém para esclarecer alguma dúvida. Cada reunião conta com um especialista, uma autoridade, para podermos conversar sobre nossas reivindicações e trocar idéias.

Os líderes formadores de opinião passam por um processo de formação, pois se não estiverem bem informados como poderão transmitir? Eles recebem mensalmente o Informativo Municipal, fazem um curso de como atuar como líderes e têm sempre que se manter bem informados. Na reunião dos Conselhos sempre tem palestras, vídeos, cursos variados sobre a produção regional de mamão, pragas de café, coco, fruticultura, pecuária. O Conselho serve, também, como um instrumento de pressão. O Brasil só vai para frente através de pressão, mas dentro da legalidade, do respeito e da ordem. Dessa forma, forçamos o governo do Estado, através de suas secretarias e órgãos técnicos de crédito, a direcionar os recursos e a assistência técnica financeira em função do Plano de Desenvolvimento Municipal. Com esse plano, vamos dizer às autoridades constituídas o que necessitamos, isto é, as demandas elaboradas pela própria comunidade, que concentra interesses de todos os segmentos envolvidos nesse planejamento de desenvolvimento sustentável.

Antes da Agenda 21, quando ninguém ainda falava em desenvolvimento sustentável, já trabalhávamos com essa questão por acreditar que o progresso não pode vir acompanhado da miséria. Eu iria morrer de vergonha se meus netos perguntassem: “Vovô, foi isso que você deixou para nós?” Para não passar vergonha comecei a preocupar-me com essa questão antes da Agenda 21. Os vereadores também participam das reuniões das comunidades dos Centros de Irradiação e do Conselho. Quando envio um projeto para a Câmara, os vereadores já sabem do que se trata e não se perde tempo. E eles não têm coragem de falar não, contrariando a vontade da comunidade, dos Centros de Irradiação, enfim, de todo o município. Não perdemos muito tempo com a Câmara. Nós chamamos os vereadores, discutimos os projetos com eles e quando voltam para a Câmara não existem mais problemas.

Não sei administrar se não for desse jeito. Como vou adivinhar o que as pessoas estão precisando lá no Centro de Irradiação de Sobradinho, por exemplo? Se estão vivendo lá, eles é que têm que me dizer. E dizer através de quê? Através do planejamento.

O CONSELHO SE REUNIA: 1977 - 1982

De 6 em 6 meses, nas comunidades para avaliação;

De 4 em 4 meses, nos Centros de Irradiação;

De 30 em 30 dias, na sede do Município;

Macro decisões – Conselho;

Troca de idéias e experiências;

Autoridades constituídas, órgãos técnicos e de crédito;

Instrumento de pressão;

Direcionar os recursos em função do Plano;

Os vereadores participam de todas as reuniões, a fim de solicitar a aprovação na Câmara;

O prefeito não é o dono da verdade: o Conselho toma as macro decisões.

Agora, vamos falar de uma coisa bonita. Todos os anos era feita uma gincana sócio econômica, esportiva, cultural entre as comunidades nos Centros de Irradiação. Os melhores em cada atividade: a melhor vaca de leite, o melhor touro de raça, a melhor lavoura de café, o maior cacho de banana, o melhor violonista, o melhor sanfoneiro, o melhor na música caipira, o melhor mamão. Enfim, o melhor de tudo de cada Centro

de Irradiação.

E o que nós fazíamos com isso? Publicávamos os nomes dos premiados no Informativo Municipal. Eles faziam questão de mostrar o nome deles para os outros, já que uma coisa é certa: quem não gosta de aparecer está mentindo... Como todo ser humano gosta de aparecer, a gente dava esta oportunidade valorizando cada um. No mês de setembro, os melhores de cada Centro de Irradiação competiam com outros Centros na gincana municipal, ou seja, os melhores de cada Centro eram reconhecidos em praça pública. Com prêmios, taças, diplomas e desfiles feitos com tratores... O mais importante é que cada Centro de Irradiação se tornava ponto atrativo da comunidade com a realização de eventos periódicos. Vejam só: eu fazia cultura, lazer, esporte e – sem gastar um tostão – transformava o Centro de Irradiação num ponto atrativo da comunidade com realização de eventos, oferecendo toda a infra-estrutura aos respectivos centros para que pudessem concorrer com igualdade de condições com a sede. Assim eu faço cultura.

Através das gincanas, as escolas foram transformadas em pontos atrativos da comunidade. Os professores de cada comunidade recebiam 15 horas extras por mês para desenvolver esse serviço com a comunidade. Como o professor pode trabalhar com o aluno sem conhecer a matéria prima? Ele tinha que ir na casa de cada um para ver as condições de vida do aluno, saber que tipo de matéria prima era trabalhada na escola para entender melhor qualquer problema que surgisse com esse aluno. Cada diretor de escola do Centro de Irradiação recebia 50% do salário para prestar esse serviço com as professoras que integravam a sua comunidade. Os resultados começaram a aparecer.

ENVOLVENDO A COMUNIDADE EM AÇÕES DIRETAS: 1977 - 1982

Todos os anos era realizada uma gincana socioeconômica, esportiva e cultural entre as comunidades, nos centros de irradiação, e outra entre os centros de irradiação. Reconhecimento dos melhores em todas as atividades em nível de comunidades, centros de irradiação e o Município como um todo, com premiações e divulgação de seus nomes em praça pública e no informativo municipal.

Através das gincanas as escolas foram transformadas em pontos atrativos com a realização de eventos periódicos.

Os professores das comunidades recebiam 15 horas extras por mês para desenvolver atividades extra-classe com a comunidade. O diretor recebia uma gratificação de 50% de seus vencimentos para coordenar as atividades dos professores em todo centro de irradiação.

Na parte habitacional, descobrimos que cada pessoa que mora mal consulta o médico 18 vezes por ano e quem mora bem procura o médico três vezes. Quanto dinheiro pode ser economizado fazendo com que as pessoas morem bem? Foram construídas 600 casas através de projeto mutirão. O primeiro projeto mutirão do Brasil foi o meu, depois surgiram outros. O dinheiro que a Companhia Habitacional do Espírito Santo dava ao município era bem empregado: com a quantia equivalente à construção de uma casa eu erguia duas. No primeiro projeto sobrou tanto dinheiro que abri uma conta vinculada no Banest. Hoje fiz os cálculos e com três mil reais faço uma casa de 42 metros quadrados através do projeto mutirão.

Deixei Boa Esperança sem nenhum barraco. Atualmente estão surgindo alguns barracos mas daqui a pouco aquilo acaba outra vez. Já tenho um levantamento de tudo. Esse projeto da melhoria habitacional é uma paixão. Quanto se paga de prestação? Quatrocentas e oitenta famílias não pagam um tostão, mas agora vou passar a cobrar porque tudo que é de graça não tem valor mesmo. Tem que cobrar pelo menos uns 5% ou 10% do salário mínimo durante uns cinco ou seis anos. Senão eles vão negociar essas casas, vendendo-as para entrar em outro programa e assim sucessivamente. Mas essas 480 famílias não pagam nada de aluguel ou de prestação. Receberam toda a infra-estrutura. Tivemos um programa habitacional fantástico que o Brasil todo correu para ver em Boa Esperança. Daí nasceu a Sociedade Beneficente de Educação e Ensino, mantenedora na época, através do trabalho comunitário nos ginásios e na Escola Técnica de Comércio. A Fundação Hospitalar Social Rural de Boa Esperança, entidade mantenedora do Hospital Maternidade Cristo Rei, foi construída com a participação dos moradores. Sempre procurávamos saber o que a comunidade poderia fazer sozinha e junto com a prefeitura. Ou quando a prefeitura deveria assumir tudo ou procurar parceria com o estado.

Depois implantamos postos de saúde em todos os Centros de Irradiação, viveiros de mudas de café conilon, seringueiras, pimenta do reino e outros produtos. Investimos na armazenagem coletiva, patrulha mecanizada, escolas nas comunidades e nos Centros de Irradiação, feira do agricultor, sindicato,

cooperativas. Também apoiamos a indústria – destilaria de álcool, cerâmica e laticínio.

DAÍ NASCERAM OS RESULTADOS: 1977 - 1982

Sociedade Beneficente de Educação e de Ensino
Fundação Hospitalar Social e Rural de Boa Esperança (Hospital Maternidade Cristo Rei)
Postos de saúde nos centros de irradiação e sede
Viveiro de mudas de café conilon, seringueiras, pimenta do reino e outras
Armazém coletivo
Patrulha mecanizada
Escolas nas comunidades, centros e sede
Feira do agricultor, sindicatos, cooperativas
Indústrias: destilaria de álcool, cerâmicas, laticínio

Em poucos anos superamos 21 municípios do estado, entre os 53 existentes na época. Estabeleceram-se no município o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, o Banest e o Bradesco. Um banco não vai para um lugar que não tenha viabilidade econômica. Boa Esperança, município que iria ser extinto, terminaria os anos 80 com quatro agentes financeiros. Dizem que o primeiro melhor negócio é banco; o segundo melhor é banco e o terceiro também. Então, se os bancos foram para lá é porque no município corria dinheiro. Depois de todas essas melhorias sociais e econômicas a população estava feliz e confiante e passou a acreditar no seu potencial. Apareceram em Boa Esperança equipes dos programas de TV Globo Rural, Globo Repórter e Os Trapalhões.

RESULTADOS: 1977 - 1982

Em poucos anos superamos 21 municípios no estado, entre os 53 existentes na época.
Instalaram-se no município: Banco do Brasil, Baneste, Caixa Econômica e Bradesco.
Melhorias em todos os setores: sociais e econômicos.
A população estava mais feliz e autoconfiante, passou a acreditar mais no futuro.
Obtivemos reconhecimento nacional e internacional.

As metas desenvolvidas no nosso plano de desenvolvimento sustentável foram planejadas com a comunidade. Na agricultura, podemos apontar a melhoria da produtividade, expansão da produção e da área coletiva, florestamento e reflorestamento, telefonia, indústria, comércio e serviços.

PMDS PLANO MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL METAS E DIRETRIZES

1. 1 – SETOR ECONÔMICO

1. 1.1 – Agricultura

- Melhoria da produtividade;
- Diversificação da produção;
- Expansão da área cultivada;
- Armazenamento; eletrificação rural;
- Irrigação;
- Florestamento e reflorestamento;
- Telefonia.

2. 1.2 – Indústria, comércio e serviço

No setor social, melhoraram saúde, habitação, trabalho, assistência social, alimentação, nutrição e saneamento básico. No setor físico, avançaram a questão territorial, o uso do solo, o sistema viário, o equipamento social e a infra-estrutura. Priorizamos, ainda, o desenvolvimento comunitário, o meio ambiente, a administração pública e os recursos financeiros. No plano de desenvolvimento destinamos 7.850 hectares para a cultura do café; 2.512 hectares para mandioca; 3.330 hectares para cana-de-açúcar e oitocentos e pouco hectares para arroz. Nós distribuimos a mão de obra para cada uma dessas culturas.

No município de Boa Esperança, como existia a monocultura do café, havia dois meses de “vacas gordas” e dez meses de “vacas magras”. Durante dois meses o comércio tinha vida, o produtor tinha receita, o meeiro e o trabalhador também. Então, o que eu fiz? Diversifiquei a produção agrícola e distribuí a mão de obra, de acordo com a variedade agrícola plantada. Durante todo o ano, mais de três mil trabalhadores

terão ocupação. Equilibramos. Fizemos um zoneamento agrícola e, baseado nele, a distribuição das áreas cultiváveis. Quando terminarmos este projeto, que já tem 70% de sua execução implantados, o proprietário terá renda o ano todo, o meeiro também, porque terão outras parcerias. O trabalhador rural vai ter trabalho e o comércio mais vida durante o ano todo.

Com esse zoneamento agrícola, definimos a quantidade de muda que nós iríamos plantar. Em função da necessidade das mudas fizemos o viveiro municipal. O que aconteceu? Levamos todas as crianças desocupadas da cidade para o viveiro e criamos o Projeto Primeiros Passos. Assim, tiramos todas as crianças desocupadas da rua. Elas contam com uma assistente social, um professor de esportes, estudam num horário e trabalham em outro e cada uma ganha meio salário mínimo por mês. Para retirá-las da rua, foi necessário que se fizesse um diagnóstico com suas famílias. Uma assistente social visitou cada família para saber o motivo daquela criança estar na rua. O problema foi resolvido. Tirei todas as crianças das ruas a custo zero. Como? Quando repassava mudas aos agricultores, cobrava o valor que eu tinha gasto com aquelas crianças. O Projeto Primeiros Passos foi mostrado nos Trapalhões.

Fizemos também um trabalho com as mães. Todas entraram em um programa educacional, demos uma casinha para cada uma, já que o filho colaborava com meio salário para as despesas de moradia. Eu também fiz uma coisa lá que vocês podem até me condenar, mas fiz com raiva. Havia uma indústria de mulheres. Mulher casada, viúva, separada, desquitada ou nova, não iria ficar sem homem mesmo, não é? E daquela indústria eu tirava uma e vinha outro "fecho". Aí eu falei: "Espera aí! Agora eu vou dar um jeito neste troço!" Todas aquelas que consentissem e o médico me desse um atestado, porque eu só fazia com atestado médico, eu autorizava as ligaduras. Foram feitas mais de 600 ligaduras. Eu disse: "Pronto, agora podem viver a vida à vontade, usem e abusem, tá certo?" Porque se Deus fez alguma coisa melhor não mandou para cá ainda... Arrumei emprego para todas elas, que hoje estão felizes da vida. Além disso, a prefeitura empregou os filhos dessas mulheres a quem eu dei a mão e tirei do chão. Quando fiz esse projeto, costumava ouvir: "Amaro, você está fazendo um projeto para 'piranha pura'". Eu respondia: "piranha não, olha lá! Uma mulher cujo pai do filho foi irresponsável e jogou tudo nas costas dela, carrega esta carga sozinha. Por isso, merece apoio. A sociedade tem que ajudar essa mulher a criar os filhos". Atualmente todas elas têm vida própria e não pedem nada à prefeitura. Assim fomos fazendo um trabalho social.

PMDS – METAS E DIRETRIZES "EM MÉDIA, 60 A 70% DO PLANO FOI IMPLEMENTADO": 1982 - 1992

1. 2 – SETOR SOCIAL
 1. 2.1 – Saúde
 2. 2.2 – Alimentação e nutrição
 3. 2.3 – Habitação
 4. 2.4 – Educação
 5. 2.5 – Trabalho
 6. 2.6 – Saneamento básico
 7. 2.7 – Assistência social
2. 3 – SETOR FÍSICO-TERRITORIAL
 1. 3.1 – Uso do solo
 2. 3.2 – Equipamento social
 3. 3.3 – Sistema viário
 4. 3.4 – Infraestrutura
3. 4 – DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO
4. 5 – MEIO AMBIENTE
5. 6 – ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
6. 7 – RECURSOS FINANCEIROS

Os prefeitos do período seguinte não deram continuidade a esse plano de desenvolvimento. Castigado ainda pela queda do preço do café e pela seca, o município começou a entrar em pânico. Dou graças a Deus que tenha entrado em pânico. Quero pegar uma carona nesta crise para poder implantar a minha diversificação agrícola, meus projetos. Agora eles vão aprender que ninguém caminha sozinho.

PERÍODO DE RETROCESSO 1992-2000

Os prefeitos desse período não deram continuidade ao plano de desenvolvimento. Associado à queda do café e à seca, o município entra em crise novamente.

Voltei à prefeitura em 2001 para atualizar e concluir o plano de desenvolvimento municipal. Em época de crises, as cabeças trabalham em busca de alternativas. Estamos reativando tudo novamente. Já montamos o Conselho Comunitário de Desenvolvimento; vamos implantar uma infra-estrutura agrícola coletiva e uma infra-estrutura de distribuição e comercialização. Já criamos uma cooperativa de produtos caseiros e artesanais, que funciona muito bem e mantém 32 pessoas em atividade. Criamos também a cooperativa de confecções com mais de 300 senhoras trabalhando.

Peguei o município com 41,1% de sua população desempregados ou vivendo de subemprego. No final deste ano quero reduzir a menos de 15% esse percentual. Estou adorando esse desafio! Em cada Centro de Irradiação iremos montar uma infra-estrutura agrícola coletiva porque, com a globalização, temos que buscar saída: o cooperativismo, o sociativismo, a produção em grupo e a capacitação geral da mão-de-obra do agricultor. Sozinho ninguém chega a lugar nenhum. A economia familiar é que irá sustentar este mundo amanhã. Acredito muito na cultura familiar. Não adianta plantar uma pequena quantidade porque não se tem onde vender. Os pequenos agricultores não têm dinheiro para comprar máquinas e implemento agrícolas como adubo e semente. Eles não têm condições. O que estamos fazendo? Vamos formar associações. Vamos criar uma infra-estrutura agrícola coletiva de máquinas, sementes agrícolas, armazéns, com todo o apoio necessário.

Implantei este projeto na minha propriedade. Meu primo também: hoje ele está trazendo de sua propriedade uma média de 45 caminhões de mamão, maracujá e limão por semana. Podem dizer: "Ah, mas ele é rico, tem uma infraestrutura agrícola com máquinas, implementos agrícolas, ele pode fazer, tem terra..." E eu respondo: "Olha gente, nós temos muito mais terra do que ele, vamos montar uma infraestrutura igual a dele ou melhor. Nossa mão-de-obra será mais barata porque tem a economia familiar, nós temos mais terra, gente, somos mais ricos do que ele e daqui a uns três anos, cada Centro de Irradiação deverá estar produzindo uma média de mais de 40 caminhões por semana". Espero chegar lá.

Agora, isto é um trabalho para dentro da porteira. Vamos ver o que vamos fazer para fora da porteira. Dentro da porteira é aquilo que necessitamos para produzir. E fora da porteira? Nós criamos a Associação Central dos Produtores, que cuidará de recolher o côco, o mamão, o maracujá, o limão, a abóbora, a melancia, a produção caseira. Vamos concentrar a pequena produção da agricultura familiar nesta Associação Central, onde vamos embalar e comercializar essa produção coletivamente. A infraestrutura de produção é coletiva, assim como a infra-estrutura de comercialização.

Com a globalização, não resta outra saída: ou nos unimos e nos organizamos ou ficaremos para trás. Sozinhos não temos condição de competir. Vamos ter qualidade, quantidade, regularidade no fornecimento e poder de fogo, que se chama competitividade. Temos que acompanhar a velocidade dos meios de comunicação e a exigência dos consumidores. Temos que atender aquilo que o consumidor quer, vamos produzir um produto mais ecológico. Para nos ajudar nesta comercialização, criamos uma agência de desenvolvimento regional através do Ministério de Desenvolvimento Agrário. Eu falei com eles assim: "Escuta, vocês não têm dinheiro para os assentamentos?" E eles: "Sim". Então eu fiz uma reforma agrária em Boa Esperança. Já está todo mundo assentado, todo mundo tem seu pedacinho de terra, todo mundo tem sua casa. Agora só estou querendo o resto, aquela ajuda que o Ministério dava. A reforma agrária em Boa Esperança foi assim: quando um grande proprietário queria vender juntava dez, doze pequenos e compravam aquela terra. Hoje existem no município mais de 700 pequenas propriedades. (Quadro 10)

"2001, O RETORNO" – PORQUE VOLTEI

Para atualizar e concluir o PMDS;

Em épocas de crise as cabeças trabalham em busca de alternativas;

Reativar o conselho comunitário de desenvolvimento;

Implantar infraestrutura agrícola coletiva;

Implantar infraestrutura coletiva de distribuição e comercialização.

Cada município tem uma realidade e cada região uma realidade econômica. Meu conselho é que façam logo seu plano de desenvolvimento sustentável. Devem preparar esse plano envolvendo a comunidade no

diagnóstico e no planejamento para sair uma coisa perfeita. Temos os subsídios necessários para elaborarmos o plano de desenvolvimento regional sustentável. Iremos forçar os governos estadual e federal a direcionarem os recursos em função dos nossos planos de desenvolvimento municipal e regional. Estamos criando a agência regional de desenvolvimento. A agência vai trabalhar na parte de marketing, descobrir as potencialidades, as vocações do granito, das frutas, para quem iremos vender e aonde iremos buscar mercado.

APLIANDO ATUAÇÃO E REPASSANDO EXPERIÊNCIAS

Cada município tem uma realidade e cada região vive uma realidade comum:

Plano Municipal de Desenvolvimento Sustentável;

Plano Regional de Desenvolvimento Sustentável;

Agência de Desenvolvimento.

Não sei se deu para vocês formarem uma idéia do passado, do presente e do futuro de Boa Esperança. Espero que sim.

[Expediente](#)

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Prefeito: Cesar Maia

Vice-Prefeito: Marco Antonio Vales

Controladoria Geral do Município

Controlador Geral: Lino Martins da Silva

Sub-controlador: Vinícius Viana

Cadernos da Controladoria

Consultoria Editorial: Sonia Virginia Moreira

Organização de Eventos: Graça Louzada

Administração de Eventos: Vanda Pastro

Edição de Texto: Sérgio Meireles

Capa e Editoração: Georgeana Dummar

Transcrição de Áudio: Rita Alonso

Versão Online: Edgard Bernardino